

FASCICULO RICARDO NETTO
RUA PIAUI 1184 AP. 1
HIGIENOPOLIS
01241-SAO PAUL
V. P. S. P.

'A CIDADE É UMA CHATICE'

PALAVRA DO CACIQUE JURUNA

Márcio Braga □ Fotos de Sonja Rego

Brasília — Sem ter conseguido os ambicionados três cobertores para as viúvas, a caixa de sabão em barra, os 25 pares de botinas e munição para caça, o cacique xavante Mário Juruna, da aldeia de Nomucurá, Mato Grosso, deixa Brasília hoje, desolado e prometendo que não pedirá mais nada à Funai, porque não acredita "nos homens brancos pecadores".

Desde o início da semana, Juruna vem percorrendo os corredores e ante-salas da Funai, do Ministério do Interior e do Palácio do Planalto, com seu gravador em uma sacola de plástico, na convicção de que toda conversa que mantivesse com qualquer autoridade teria de ser gravada e passada aos seus 130 liderados da aldeia de Nomucurá. Ele deixa a cidade decepcionado por não ter conseguido o material e magoado com as declarações do General Ismarth Araújo Oliveira, segundo as quais "ele é um índio muito esperto e, quando não consegue dinheiro para fazer suas viagens ao Rio e a São Paulo, começa a fazer queixas pelos jornais e a falar mal da Funai".

Juruna acredita que sua missão mais importante é preparar a história dos xavantes, "para deixar para a gente nova o documento de cinco ou 10 gerações".

— Isso é necessário. Há quanto tempo o índio já descobriu o Brasil? Em que ano ele descobriu o Brasil e em que ano os portugueses chegaram aqui?

Para ele, a história dos xavantes é importante também "porque antes o branco pisava em cima do índio. Hoje, o índio não precisa ser escravo de branco, o índio não precisa ser escravo de ninguém, o índio é pessoa".

— Eu acho difícil entender a morte, mas sei que ela é natural. Só posso saber mais da morte depois que preparar a história do xavante, para saber o que a gente adora. Eu acredito em Deus. No tempo passado, na história do xavante, já tinha o nome de *Simon*. Nós falamos *Simore*. Então agora nós estamos vendo que em português *Simore* é Pedro. Eu fiquei muito espantado em saber que o xavante já falava o nome de *Simore*. O crucifixo também o xavante já vem passando para os mais novos. As vezes, o índio já estava sabendo alguma coisa no passado. O xavante já usava crucifixo nos cemitérios e adorava o nome de *Simore*. Assim, a morte pode ser coisa natural.

Mário Juruna, que cuida "com carinho", das viúvas da aldeia, de sua mãe de 90 anos de idade e de "meia dúzia" de filhos — o mais velho Leonardo e o caçula Onorina — disse que fica "com dó" de levar seu pessoal às cidades. "Para índio, a cidade é como peixe que vive fora da água. A gente vem aqui, não conhece nada. Fica correndo e fica enjoado com carro, automóvel e fumaça. É preciso costume".

Pessoalmente, ele não gosta das cidades. "É muita burocracia. É muito chato. É tanta gente com sujeira na cabeça. Achei muito podre a cidade. A gente pensa que cidade é importante e a gente descobre que cidade não tem nada. Gente pobre é muito mais importante que gente rica".

— O que que adianta a gente viver com prédio bonito se o pobre está sofrendo? Será que o rico é mais cheiroso que o pobre? Eu acho que o pobre é mais cheiroso que o rico. A gente rica eu acho muito mais podre que a gente pobre. Tanta coisa que a gente estuda, que a gente aprende, e tanta gente que está enriquecendo. Tanta gente tem automóvel, tanta gente tem aquele material que usa no carro. É muita coisa errada. É muita burocracia. Na minha tribo, qualquer pessoa que chega pode falar com o chefe. A pessoa chega, encaminha e vai embora. Não tem burocracia. Lá o que vale é a palavra. Palavra de homem é palavra de homem. É a palavra que vale. Aqui na cidade, a gente fala com *papo furado*. Então não tem palavra de homem. Eu não sou criança. Não sou escravo. Não sou empregado. Nós somos cada um de nós. Nós somos responsáveis. Nós temos autoridade na família. A mulher ajuda



o marido, ajuda o filho e fala para o marido decidir. *Pra* mim, mulher da cidade é outra coisa diferente.

O cacique dificilmente ri, e se irrita quando alguém lhe mente. A mentira parece ser a maior ofensa que alguém lhe pode fazer. Da conversa mansa que mantinha, falando sobre as lutas e as aspirações de sua aldeia, ele se transformou e se enfureceu ao tomar conhecimento de que o presidente da Funai disse que ele queria dinheiro para pagar o gado que havia comprado. "Não gostei do General falar isso. Eu não falei nada com ele sobre o gado que

eu ganhei do Ministério da Agricultura. Isso não é minha palavra. O General inventa isso para poder defender a safadeza do homem. Eu não gostei disso".

— Se a gente continua desse jeito, falando de mim, eu vou fazer força também. Eu não vou ficar quieto porque o General falou desse jeito. Parece que eu estou pedindo esmola *pra* Funai. Eu não cobrei isso. Eu ganhei o gado. Como que gente inventa mentira. A minha palavra não é *papo furado*. A minha palavra é palavra de homem. Eu não posso mentir. Como o General está falando desse jeito? Isso não é verdade. Eu fico revoltado. Eu

fico chateado. Pode publicar que não foi o Mário que pediu isso. Será que a Funai está sonhando? Eu não gostei.

Depois do desabafo, sentado em uma cadeira de couro, no apartamento da irmã do sertanista Apoená Meireles, Mário Juruna permaneceu algum tempo de cabeça baixa, em silêncio. Em voz mais calma, começou a falar quase para si mesmo: "Eu vou para Mato Grosso. Mais tarde eu não quero saber de Brasília. Eu posso brigar fora, em São Paulo ou outro lado. Cada vez que a gente vem aqui, tem gente que inventa mentira. Cada vez vai ficando pior. A gente quer me enga-

nar. Isso não pode. Eu nunca enganei pessoal, porque gente quer me enganar?"

— Você pensa que a Funai está armando munição para xavante? As vezes a Funai está com medo do índio fazer alguma coisa com outro índio. Mas a Funai não usa revólver? Por que índio não pode usar? Xavante não tem problema, mas se outra tribo ataca xavante? Por que só gente grande pode comprar munição? A Funai não é representante do índio? E por que não pode comprar? E o fazendeiro que ataca e atira? A gente não pode se defender? Índio tem que morrer tudo? Nunca foi preso o fazendeiro que baleou Bororó. E os seis *policia* que mataram o Padre João Bosco? A polícia soltou dois. Vai ficar por isso mesmo?

O chefe xavante diz que o povo brasileiro é uma mistura de "índio, português, francês, inglês, alemão e estrangeiro". Para ele, a maioria gosta do índio. "Muita gente que mora na cidade gosta do índio. Quem é contra índio é aquela gente que compra fazenda. A pessoa da cidade não precisa falar mal de índio, quer ajudar índio. Mas tem muita gente que não quer saber de índio".

— As missões também ajudam. Fazem escola, dão bom conselho, ajudam pessoal, respeitam, cumprimentam direitinho. Mas a Funai é outra coisa. Precisa resolver uma parte. A Funai é ligada ao Presidente da República, Ministério e ao Federal. Não é o Federal que manda hoje? O Federal devia ver tudo que a gente precisa.

Juruna, ainda transtornado e sério, despediu-se dizendo que ia almoçar depressa, para arrumar suas coisas, guardadas na Casa do Ceará. "Eu vou para minha aldeia amanhã e só volto quando mudar tudo. Eu não posso acreditar nos homens brancos pecadores". Juruna irá de ônibus para Mato Grosso, com passagem comprada com o seu dinheiro. Ele disse que não terá nada para dizer aos seus liderados. "Eu só tenho os jornais e as fitas que gravei".

O gravador do cacique Juruna chegou a lhe trazer um certo aborrecimento já no seu primeiro encontro em Brasília, com o ex-diretor do Departamento Geral de Operações — DGO — da Funai, Sr. Francelisio Van Der Broocke, que considerou uma ofensa ele gravar a conversa entre os dois.

Juruna — Por quê?

Broocke — Isso é *papo furado*. Para mim, quando você chega em minha sala e bota gravador, está me ofendendo.

Juruna — Você pode falar à vontade. Se quiser, pode proibir. Mas eu não vou aceitar.

Broocke — Você está enganado comigo. Não é assim não.

Juruna — Você pode falar. Do jeito que quiser a gente pode resolver.

Broocke — Você não é peça de museu. É igual aos outros. Por que você quer tirar uma de diferente aqui? Você está me machucando, entende? Eu nunca fiz isso com você.

Juruna — A gente está me machucando também.

Broocke — O que você está fazendo não está certo. É uma atitude que eu não acho correta. Isso é muito feio e quem te ensinou a fazer isso ensinou errado.

Juruna — Eu já trabalhei quatro anos fora da missão. Lá eu aprendi a gravar. Eu cheguei inteligente para falar. Ninguém ensinou *pra* mim isso. Eu gravo tudo porque não gosto de perguntar outra vez. Eu fico sem graça para perguntar outra vez, mas eu compreendo assim mesmo.

Broocke — É, Mário, desse jeito você não quer ser meu amigo, não. Você quer brigar comigo. Eu brigo com você.

Juruna — Então pode brigar à vontade. Se você quiser pode me mandar para a cadeia.

Na certeza de que não estava cometendo nenhum crime — para ele crime é matar e roubar — Mário Juruna continuou com o seu gravador ligado.

CADERNO

B

"Na minha tribo, qualquer pessoa que chega pode falar com o chefe. A pessoa chega, encaminha e vai embora. Não tem burocracia"